

# A VARIAÇÃO DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA SALA DE AULA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE ITAJAÍ, SC

*THE VARIATION OF THE SECOND PERSON SINGULAR IN THE CLASSROOM  
OF THE FINAL YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL IN THE MUNICIPAL  
NETWORK OF ITAJAÍ, SC*

**Cleber Novais de Souza**

Colégio São José, Itajaí

souzacn@outlook.com

<https://orcid.org/0009-0009-4798-1890>

**Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott**

Universidade Federal de Santa Catarina

isabelmonguilhott@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1705-4390>

**RESUMO:** Apresentamos, neste artigo, os resultados de uma pesquisa acerca da variação dos pronomes *tu* e *você* na posição de sujeito na fala e na escrita de alunos de oitavo e nono anos de uma escola da rede pública municipal de Itajaí, SC. Para tanto, recorremos aos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972])). Investigaram-se, no condicionamento do fenômeno, variáveis linguísticas (preenchimento do sujeito; concordância verbal; traço semântico; gênero do discurso) e extralingüísticas (local de nascimento do aluno; sexo; indivíduo). Foram coletados 3558 dados, dos quais 65% foram do pronome *você* e 35% do pronome *tu* na função sintática de sujeito. Realizamos análise quantitativa e qualitativa dos dados, além de propormos uma unidade de ensino para o trabalho a partir dos usos variáveis com vistas à ampliação dos conhecimentos dos estudantes acerca da variação linguística.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística; Segunda pessoa do singular; Tu e você; Variação e mudança.

**ABSTRACT:** In this article, we present the results of a study on the variation of the pronouns *tu* and *você* in the subject position in the speech and writing of eighth and ninth grade students from a public school in Itajaí, SC. To this end, we used the assumptions of the Theory of Linguistic Variation and Change (according to Weinreich, Labov and Herzog (2006 [1968]) and Labov (2008 [1972])). In the conditioning of the phenomenon, linguistic variables (subject completion; verbal agreement; semantic feature; discourse genre) and extralinguistic variables (student's place of birth; gender; individual) were investigated. A total of 3,558 data were collected, of which 65% were from the pronoun *você* and 35% from the pronoun *tu* in the syntactic function of subject. We performed quantitative and qualitative analysis of the data, in addition to proposing a teaching unit for the work based on variable uses with a view to expanding students' knowledge about linguistic variation.

**KEYWORDS:** Sociolinguistics; Second person singular; Tu and you; Variation and change.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo traz resultados de uma pesquisa acerca da variação de segunda pessoa do singular na função sintática de sujeito, na fala e na escrita de estudantes dos anos finais do ensino fundamental de uma escola da rede pública municipal de ensino de Itajaí, SC.

Os exemplos, retirados da nossa amostra, ilustram o fenômeno variável:

- (1) Em vez de *tu* aceitar, *tu* respondeu? (CNDT1)<sup>1</sup>;
- (2) *Você* viaja muito ou já viajou pra algum lugar que *você* gostou muito e queria voltar de novo pra lá? (BPFST1)

O objetivo da pesquisa foi verificar a produtividade entre os pronomes de segunda pessoa do singular na fala e na escrita de alunos do oitavo e nono anos do ensino fundamental da rede pública municipal de Itajaí, SC, levando-os a refletirem sobre seus usos variáveis a partir da aplicação de uma unidade de ensino proposta e aplicada pelo docente-pesquisador nas aulas de língua portuguesa.

Realizamos uma análise quantitativa e qualitativa, baseando-nos, teórica e metodologicamente, na Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 1968, 1972), considerando variáveis linguísticas (preenchimento do sujeito, concordância verbal, traço semântico, gênero discursivo) e variáveis extralingüísticas (local de nascimento do aluno, sexo e indivíduo).

Nas próximas seções, apresentamos a fundamentação teórica, em seguida, a metodologia da pesquisa, a seguir, a análise e a discussão dos resultados. Logo após, apresentamos algumas considerações e, por fim, indicamos as referências utilizadas.

## FUNDAMENTAÇÃO

A pesquisa da variação entre os pronomes de segunda pessoa, *tu* e *você*, baseia-se na Teoria da Variação e Mudança Linguística (conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972])). Para que melhor se compreenda o contexto do qual parte essa análise variacionista, tecemos algumas reflexões sobre a abordagem do fenômeno em sala de aula.

A variação linguística traz consigo determinados valores e parâmetros capazes de distinguir individualmente ou coletivamente as pessoas em suas comunidades, considerando suas existências e experiências de mundo.

Dessa forma, há de se compreender que o processo de mudança perpassa necessariamente pelo fenômeno da variação, uma vez que é a partir da existência de formas variantes (por exemplo: *tu/você* – *nós/a gente* – *passe-me/me passe* etc.) coexistentes – muitas vezes concorrentes – que o processo se afunila com a prevalência de uma forma sobre a outra, independentemente do nível linguístico em que ocorrem essas disputas coexistentes.

---

<sup>1</sup> Os códigos remetem às iniciais dos sobrenomes dos informantes postos de forma aleatória, seguidos pelo indicativo da turma da qual fazem parte (T1, T2 ou T3).

O olhar para a língua, marcada por sua dinamicidade e diversidade, propicia um dos mais emblemáticos questionamentos na esfera escolar: por que o português ensinado é tão distante daquele utilizado cotidianamente nas várias relações sociais? De acordo com Bortoni-Ricardo:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. (...) Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. Há que se ter em conta ainda que essas reações dependem das circunstâncias que cercam a interação. (2005, p.15)

A escola, por natureza própria, reveste-se de uma função social muito específica e se não a concretiza perde sua razão de existência, visto que não forma, não ensina, não transforma o indivíduo e, consequentemente, a sociedade.

O ensino da língua não pode se restringir tão somente à tentativa de compreender as regras gramaticais. Essa ação demanda que se vá além, que se leve o educando – usuário proficiente da língua – a refletir sobre seu uso, a considerar suas manifestações em diferentes variedades, a reconhecer e validar suas possibilidades de interagir com o outro e a se perceber compreendido para que, de tal forma, reconheça o seu lugar, pois é em torno desse reconhecimento que se dão os debates na área da sociolinguística.

Faz-se imperativo o reconhecimento, por meio das práticas escolares, dos valores sociais e imateriais, transmitidos por meio da cultura, dos costumes, da língua e suas possibilidades de desdobrar-se em variedades que refletem seus usuários, ainda que estes pertençam a diferentes grupos ou estratos sociais.

Scherre *et al.* (2015) dividem o território brasileiro em seis subsistemas nos quais se observam os usos de *tu* e de *você* por região, com maior ou menor incidência de uma ou outra forma, constatando, assim, que a variação de segunda pessoa é um fato e, como tal, são necessários esforços para compreendê-la.

A existência desses fenômenos variáveis é percebida pelos alunos e demais falantes da língua, mas eles não os compreendem como algo natural do próprio sistema linguístico. Tal incompreensão alimenta determinadas concepções equivocadas quanto ao uso da língua, tomando como parâmetro de julgamento balizas como a do certo/errado para avaliar a fala própria e a de outrem, sem se preocupar com a natureza das análises que são realizadas, muitas vezes com o intuito de desqualificar o outro devido às suas escolhas linguísticas.

A ação escolar é fundamental para minimizar ou erradicar esse tipo de comportamento. É importante que seja definida, afinal, qual a concepção de língua baseará o ensino e a aprendizagem da língua materna para que a instituição escolar não aprofunde ainda mais esse abismo.

Frente a isso, o comportamento do docente de língua portuguesa, alicerçado em uma formação sólida pode ressignificar sua ação pedagógica numa perspectiva crítico-reflexiva. Pode, ainda, ser capaz de redefinir a percepção do ensino e aprendizagem da língua na esfera escolar, de forma

completamente desvinculada daquela anacrônica de que o ensino da língua deveria prezar, conforme exposto por Bagno (2009), pela norma de prestígio, reflexo de uma sociedade que, por sua condição social privilegiada, dominava as classes escolares até meados da década de 1960.

Cabe ao professor se alinhar a uma perspectiva que visa à formação linguística do seu aluno como algo que o liberte da visão preponderante de que o ensino de português se resume ao que está predisposto nas gramáticas normativas e, muitas vezes, de tal forma, reproduzido nos livros didáticos.

Vieira (2018, p.55), em busca de um novo paradigma para o ensino da língua, de forma pertinente considera que o ensino de gramática - “conjunto de regras naturais que nos permitem produzir e interpretar enunciados capazes de significar” não pode ser tomado como sinônimo de ensino da norma-padrão – “conjunto de regras linguísticas a serem seguidas para o domínio de estruturas consideradas de prestígio em meios escolarizados, sobretudo em situações formais orais e escritas”. Essa correlação e diferenciação implica olhares e atitudes didático-pedagógicas reflexivas frente ao ensino da língua, tal como defendido até aqui. A autora assevera que “o desafio, portanto, é acima de tudo metodológico: o de integrar – sempre que possível – a reflexão linguística aos outros objetivos escolares, quanto ao plano textual e à complexidade da variação linguística” (Vieira, 2018, p.51).

De acordo com a autora, essas são premissas importantes para que os três eixos – atividade reflexiva, produção de sentidos, normas/variedades – caracterizem, de fato, o ensino de gramática eficaz. Dessa forma, nos dirigimos a uma compreensão de língua heterogênea a serviço de diferentes relações, sejam elas discursivas no plano da escrita ou da oralidade, sejam elas elaboradas numa perspectiva formal ou informal, sejam elas aportadas num paradigma de variedade culta ou popular.

Esse posicionamento é o mesmo defendido ao longo dos postulados aqui apresentados, pois não faz sentido desvincular a língua do seu uso cotidiano. É imprescindível que no tratamento da língua, principalmente no processo de ensino e aprendizagem, seja reconhecido o caráter variacionista e, por conseguinte, mutável nos quais ela se ancora.

## METODOLOGIA

Partimos da contextualização do local de aplicação da investigação, com foco no espaço macro para o micro, ou seja, da cidade à escola, apresentamos o perfil da comunidade escolar, considerando o público-alvo da pesquisa, assim como as abordagens necessárias para a constituição do corpus de análise<sup>2</sup>.

São ainda evidenciadas as variáveis dependentes e as independentes – uma vez que a presente investigação segue a linha da Sociolinguística Variacionista, de forma a considerar seus papéis e influências em meio aos processos de uso de *tu* e/ou *você* pelo falante/escritor para se referir ao seu

<sup>2</sup> O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, sob o número 72194523.3.0000.0121.

interlocutor.

A cidade de Itajaí, situada no litoral norte catarinense, chama a atenção devido à sua constituição histórica que se reflete na variedade de língua adotada por seus falantes. O município está localizado na faixa litorânea intensamente influenciada pela cultura açoriana, etnia colonizadora.

O processo de povoamento também redefiniu as características linguísticas próprias da região. De acordo com Furlan (1998), as marcas desse processo de ressignificação linguística, conservadora em sua origem, ainda persistem na variedade da língua portuguesa encontrada na faixa litorânea de Santa Catarina.

Segundo o autor, “(...) o tratamento familiar por **tu**, *tuteamento*, com verbo na 2<sup>a</sup> pessoa do singular, em contraponto com o respeitoso **vós**, *voseamento: fosse o cinema?*” (Furlan, 1998, p.19, destaque no original) é um exemplo da persistência de alguns traços já quase apagados nos falares brasileiros, mas persistentes no “açoriano catarinense tradicional”. O autor ainda destaca que esses são aspectos presentes na variedade linguística encontrada nessa região e seria difícil explicar a influência açoriana e sua gênese.

Itajaí, ainda de acordo com D'Ávila (2018, p.103), apresenta a origem da sua população sendo demarcada a partir de várias etnias “lusó-açoriana, indígena, africana, alemã, italiana e algumas outras origens, como sírio-libanesa e polonesa”, um indicativo da diversidade como marca de uma cidade que ao longo da sua história se constituiu como um mosaico de culturas, valores, costumes de diferentes matizes. Esse registro condiz com a realidade atualmente observada no município, afinal, é comum que se encontrem pessoas advindas dos mais diversos locais, das capitais aos recônditos do Brasil.

O bairro Cordeiros, local onde se situa a escola de aplicação da pesquisa, é um exemplo tanto do quesito expansão quanto da diversidade acima referendadas, afinal, concentra cerca de 20% de toda a população da cidade. São mais de 52 mil pessoas convivendo nesse espaço e, como pode ser observado a partir do perfil dos participantes do presente estudo, esse contingente é formado por pessoas originadas das mais variadas regiões do país.

A instituição de ensino conta com cerca de 630 alunos, com origens de diversos lugares do país, matriculados. Segundo o projeto político pedagógico da escola, essa diversidade ocorre devido à pujante oferta de empregos apresentados pelas empresas ali instaladas, em especial as que envolvem atividades pesqueiras e portuárias.

Esta proposta de pesquisa foi aplicada em três turmas (uma de oitavo e duas de nono ano), na citada instituição pertencente à rede municipal de ensino de Itajaí, SC. Essas turmas contavam à época com cerca de 33 alunos cada, perfazendo um total de 99 estudantes, dos quais 77 participaram da pesquisa por meio das atividades propostas.

Para compor o *corpus* de análise da pesquisa, os alunos participaram de atividades capazes de fazer com que pudesssem se expressar levando em consideração diferentes graus de monitoramento dos gêneros explorados, mediante a natureza discursiva de cada proposta apresentada.

Com a finalidade de observarmos quais fatores condicionam a variação de segunda pessoa nas produções orais e escritas dos estudantes da rede municipal de Itajaí, é apresentada como vari-

ável dependente as formas pronominais *tu* e *você* na posição de sujeito, conforme exemplos abaixo que fazem parte da nossa amostra<sup>3</sup>:

- (3) Em vez de *tu* aceitar, *tu* respondeu? (CJASCT3)
- (4) Nas aulas passada *você* tava jogando vôlei? (LCVGT1)

Foram controladas as variáveis linguísticas: preenchimento do sujeito, concordância verbal de segunda pessoa, traço semântico e gêneros do discurso, e as variáveis extralingüísticas: local de nascimento do aluno, sexo e indivíduo.

Como forma de desenvolver as atividades voltadas para o campo da oralidade no decorrer das aulas de língua portuguesa, foi proposto que os alunos produzissem *podcasts* informativos, pois, dentre os gêneros orais previstos na Base Nacional Comum Curricular, esse atrai expressivamente o público-alvo.

Vale ressaltar que fizeram parte da unidade de ensino outros gêneros, além do *podcast*, como roteiro de peça teatral, entrevista e debate, em que foram trabalhadas, de modo articulado, as práticas de escuta, leitura e produção oral e escrita. Portanto, os dados para análise da variação entre *tu* e *você* na escrita foram produzidos nessa etapa da unidade de ensino, na produção do gênero peça teatral, além da produção escrita do roteiro do gênero *podcast* na etapa final da unidade de ensino proposta. Já os dados de fala foram registrados com o auxílio dos gêneros entrevista e debate e na produção do gênero *podcast*.

Para a sistematização da pesquisa, as atividades desenvolveram-se em diferentes etapas: na primeira foi realizada a coleta de dados, com atividades de oralidade gravadas em áudio e atividades de escrita que, posteriormente, foram digitalizadas. Na segunda, realizou-se a análise desses dados, levando em consideração as variáveis possíveis para a caracterização do contexto de variação da segunda pessoa do singular. Por fim, foi aplicada uma unidade de ensino com atividades diversas de reflexão linguística, com foco nos usos pronominais de segunda pessoa.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, trazemos os resultados quantitativos analisados a partir dos dados coletados nos textos orais e escritos dos estudantes, e, em seguida, apresentamos a proposta de ensino desenvolvida com a turma com objetivo de refletir sobre o fenômeno da variação pronominal em uso.

Em relação aos resultados gerais, considerando os gêneros orais e escritos, observamos 3.558 ocorrências de variação de segunda pessoa na posição de sujeito com 2.298 do pronome *você* (64,5%) e 1.260 do pronome *tu* (35,5%).

No que se refere às variáveis linguísticas controladas, para o preenchimento do sujeito, verificamos 3.040 ocorrências de sujeito explícito (*tu* e *você*), seja na escrita, seja na fala, com 1.985 dados

<sup>3</sup> Todos os exemplos são retirados de amostras de fala, coletadas em atividade diagnóstica que se configurou por meio de entrevista entre os alunos, na qual poderiam tratar de assuntos diversos.

(65,30%) do pronome *você*, e 1.055 (34,70%) da forma *tu*<sup>4</sup>. De sujeito nulo, registramos 518 ocorrências, sendo 205 de pronome *tu*, dos quais 02 são da escrita, e 313 de *você*, com 84 desses registros observados na escrita. Os resultados confirmam nossa hipótese com *você* sendo mais recorrente de modo explícito, já que é um pronome que combina com verbo sem marca distintiva.

A variável concordância verbal de segunda pessoa foi observada no uso do pronome *tu*, já que o pronome *você* não apresenta marca distintiva de pessoa na concordância. Na nossa amostra, de um total de 1260 dados, 13 apenas (cerca de 1%) apresentaram concordância canônica com *tu* e o restante era de verbo sem marca distintiva, 1247 dados.

O traço semântico, variável também controlada em nossa análise, trouxe um panorama com 149 dados de referência genérica, com 68 dados (45,64%) de *tu* e 81 dados (54,36%) de *você*. Já em relação à referência específica temos 3409 dados com 1260 de *tu* (36,96%) e 2149 (63,04%) de *você*. Observa-se, assim, que, em ambos os casos, o pronome *você* se sobressai quanto à preferência de uso, com uma diferença menor quanto ao que diz respeito à referenciação genérica, o que destoa da nossa hipótese inicial de que haveria maior incidência do pronome *tu* indicando tal função. Quanto à referenciação específica, o pronome *você* é mais utilizado para identificá-la, o que refuta a hipótese anteriormente apresentada de que haveria um conjunto maior de utilização desse pronome como generalizador do interlocutor.

O gênero do discurso também foi uma variável analisada. Controlamos gêneros da oralidade e da escrita: debate regrado, teatro de improviso, roteiro dramático, *podcast* e entrevista monitorada. Das 3.558 ocorrências analisadas, 893 foram do gênero debate regrado (58% de *tu* e 42% de *você*), 928 dados do gênero teatro de improviso (54% de *tu* e 46% de *você*), 467 dados do gênero roteiro dramático (1,5% de *tu* e 98,5% de *você*), 305 do gênero *podcast* (24% de *tu* e 76% de *você*) e 965 dados de entrevista monitorada (16% de *tu* e 84% de *você*).

Os resultados validaram nossas hipóteses, considerando que nos gêneros debate regrado e teatro de improviso houve uma maior recorrência do pronome *tu* frente ao *você*. Por outro lado, o pronome *você* se destaca no cenário de uso nos gêneros roteiro dramático, entrevista monitorada e *podcast*. Ao observar o contínuo oralidade - letramento constatamos que quanto mais o gênero está próximo do eixo da oralidade, mais possibilidade do uso de *tu*, ao passo que, observado um cenário oposto, considerando o eixo do letramento, caracterizado pelas práticas de escrita, há uma recorrência maior de *você*.

Em se tratando das variáveis extralingüísticas, controlamos o local de nascimento dos alunos. Os 77 estudantes sujeitos da pesquisa, distribuem-se nas seguintes regiões de nascimento: 51 da região sul (66%), 15 da região nordeste (20%), 07 da região norte (9%) e 04 da região sudeste (5%). Importante ressaltar que 34% dos estudantes são naturais de Itajaí, os demais residem na cidade de até 01 ano (6%) a 08 anos ou mais (8%). Foi percebido que o tempo de residência dos participantes da pesquisa na cidade de Itajaí é relativamente curto, ou seja, é possível que muitos dos seus registros linguísticos, herdados das suas regiões de origem, ainda fazem parte do seu vernácu-

<sup>4</sup> Importante salientar que a variação “cê” do pronome *você* ocorreu em algumas situações, contudo, como tal registro se deu em uma escala muito baixa, não há menção a esses dados observados na coleta.

lo, ou seja, a intercorrência de palavras, expressões e formas singulares de interação, proporcionam uma maior percepção do quanto rica pode ser a troca entre os falantes em meio às suas interações, principalmente quando espontâneas.

Outra variável controlada foi o sexo do informante. Dos 77 informantes da pesquisa, 40 são do sexo masculino e 37 do feminino. Os dados indicam que no contexto da oralidade a variação entre *tu* e *você* é distribuída da mesma forma entre os adolescentes meninas e meninos, com cerca de 62% de uso de *você* e 38% de uso de *tu*. Considerando o conjunto de todo o *corpus* disponível para análise, ou seja, com a inserção do gênero roteiro de texto dramático, que representa o eixo do letramento, esses números reafirmam, com pequena margem de diferença, os resultados já observados a partir daquilo que os gêneros da oralidade traziam.

A variável *indivíduo* que diz respeito ao conjunto de características individuais dos participantes da pesquisa (incluindo questões socioeconômicas, etnia, redes de relações, uso de tecnologia como redes sociais e jogos, etc.) controlada no nosso estudo, apontou para aquilo que foi postulado como hipótese: os comportamentos linguísticos não se homogeneizam, mas se tornam adaptáveis a estímulos que ressignificam os usos dos pronomes de segunda pessoa do singular pelo indivíduo.

A partir dos resultados observados na análise da variação na segunda pessoa presente nos textos orais e escritos dos estudantes, foi proposta uma unidade de ensino para refletir sobre o fenômeno, assim como sobre a sua realidade social, por meio do ensino e aprendizagem de gêneros discursivos fundamentais para o desenvolvimento de olhares e percepções crítico-reflexivas.

## UNIDADE DE ENSINO E REFLEXÃO QUANTO AO USO DOS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR

A etapa do trabalho com a unidade de ensino iniciou com a apresentação da proposta aos alunos e, em seguida, solicitou-se que sugerissem temas atuais pertinentes e de interesse da turma para que as diversas propostas se desdobrassem em torno deles. Escolhidos os temas pelas turmas (Intolerância religiosa; Capacitismo; Dilemas e vivências adolescentes; Xenofobia, A violência contra a mulher etc.), que foram divididas em diferentes grupos, os alunos iniciaram suas pesquisas em busca de informações que pudessem ampliar seus repertórios e compor seus roteiros de trabalhos diversos: entrevistas, roteiro de *podcast* e roteiro de peça teatral, com posterior gravação/apresentação/dramatização levando em conta seus respectivos contextos de produção e suportes de veiculação.

Com essa definição, eles passaram a realizar a curadoria de informações que lhes fossem relevantes. Além disso, convidaram profissionais e/ou especialistas (professores, psicólogos, orientadores educacionais técnicos de enfermagem etc) que pudessem ser entrevistados e, dessa forma, propiciar uma maior compreensão acerca dos temas por eles escolhidos.

Para garantir a compreensão e familiaridade com o gênero proposto, a eles foram apresentados, em aula introdutória, conceitos e exemplos dos tipos de *podcasts*, levando-os a escutarem tipos

diversos do gênero a fim de fazer com que percebessem suas características próprias.

Dessa forma, com o intuito de prepará-los para realizarem entrevistas em seus *podcasts*, fez-se necessário também explorar o gênero entrevista. Aos alunos, foram explanados o conceito, assim como seus elementos estruturais, os diferentes tipos, estilos e contextos de produção de entrevistas diversas, de forma a fazer com que percebessem esse gênero considerando também a utilização de diferentes formas de usos da linguagem.

Após esse momento, os alunos perceberam os processos de produção do gênero, possibilitando que avançássemos com a proposta de produção de *podcasts* informativos. Uma das demandas para tal, era a de que os alunos entrevistassem pelo menos dois profissionais da escola e/ou especialistas sobre os temas que escolheram para discutir em suas produções, o que os levou a produzirem os roteiros das entrevistas e sua posterior gravação.

Uma vez produzidos os roteiros de *podcasts*, incluindo também os de entrevistas, passou-se então à fase de gravação e edição dos trabalhos, consolidando, assim, conhecimentos e percepções dos alunos acerca dos temas de suas pesquisas. Após a entrega das produções, propusemos que cada turma escolhesse pelo menos dois temas para que pudessem apresentar suas opiniões sobre eles em uma série de debates regrados.

Os debates regrados levaram em consideração alguns dos temas apresentados pelos *podcasts* e outros que emergiram a partir do interesse dos estudantes: desafios vivenciados pelos adolescentes, direitos humanos, segurança nas redes sociais, homofobia e maioridade penal figuraram entre as temáticas que direcionaram as discussões entre eles.

O gênero dramático também integrou essa unidade de ensino com o objetivo de possibilitar que os discentes tivessem contato com um texto que lhes propiciasse a interação planejada – aquela embasada em roteiro previamente produzido – e/ou improvisada – em formato de esquetes teatrais próprias para tal fim.

Inicialmente, apresentou-se o gênero discursivo, com a explanação dos elementos que o constituem. Para facilitar o reconhecimento por parte dos alunos, realizaram-se leituras dramatizadas e análises de textos dramáticos consolidados tanto na literatura brasileira como na universal: “O Auto da Comadecida”, “Auto da Barca do Inferno” e “Pluft, o Fantasminha”, respectivamente pertencentes às autorias de Ariano Suassuna, Gil Vicente e Maria Clara Machado.

Ao chamar a atenção para as variedades linguísticas utilizadas nos textos de referência, os alunos foram convidados a refletirem quanto à importância de se garantirem os espaços de enumeração e representação da diversidade linguística que caracteriza a sociedade brasileira.

Discutir essas questões é fundamental para que a consciência quanto à variação linguística seja desenvolvida pelos estudantes. Essa é uma decisão propositiva como forma de reconhecimento das variedades linguísticas das quais eles fazem usos, mas também de combate ao preconceito linguístico muito comum nos ambientes escolares.

Ademais, esta unidade de ensino também se aliou a preceitos que defendem o olhar para as variedades linguísticas de forma a garantir seus valores diversos, entendendo-as como frutos de construções históricas, sociais e culturais, ou seja, alicerça-se numa compreensão de língua que se

distancia do entendimento quanto a uma variedade apresentar maior ou menor valor socialmente que outra.

Essa reflexão foi fundamental para que os estudantes entendessem o quanto a língua, rica e dinâmica, pode se moldar às suas necessidades, assim como às expectativas do(s) seu(s) interlocutor(es).

Ao ensejar essas percepções, apresentamos-lhes fragmentos da obra “O Noviço”, de Martins Pena – expoente do teatro novecentista brasileiro – para que percebessem a evolução da língua desde o século XIX até os dias atuais. Evidenciamos algumas passagens explorando palavras e expressões que mudaram ao longo do tempo, assim como o tratamento dispensado entre as pessoas em seus diferentes ambientes e contextos.

A partir disso, os alunos foram convidados a escreverem roteiros de peças teatrais para posteriores apresentações. Divididos em grupos, discutiram as possibilidades temáticas, planejaram o enredo e passaram a escrever seus textos teatrais autorais.

Concomitante a isso, eles participaram de sessões de teatro de improviso: em grupos, encenaram pequenas esquetes a partir de temas sorteados para tal fim. Alguns dos alunos não se sentiram à vontade para participar da atividade, o que nesse percurso é considerado normal. Outros participaram e contribuíram significativamente tanto para que a atividade cumprisse seu objetivo de ilustrar o texto dramático a partir de exercícios práticos, quanto em agregar na formação de um *corpus* de análise da presente pesquisa.

Observando essa série de atividades propostas, os estudantes puderam explorar as diversas formas de expressão e uso da língua, com vistas a um conhecimento consolidado acerca dos aspectos que delineiam as chamadas pessoas do discurso, em especial a segunda pessoa do singular na posição de sujeito. Alguns momentos de interações, trocas e percepções foram imperativas para que pudesse desenvolver além de uma consciência linguística, a noção de que a língua é espaço de reconstrução de sentido e lugar de projeção. É dessa forma que defendemos seu ensino, sem as amarras e os pré-conceitos que muitas vezes a própria escola enseja.

Quanto à reflexão do fenômeno em estudo, inicialmente, explanamos aos discentes sobre os conceitos em torno da classe dos pronomes, com ênfase naquele instante nos chamados pronomes pessoais. A demonstração de memorização dos pronomes por parte dos alunos nos chamou a atenção, pois confirmava aquilo que ao longo deste trabalho nos propusemos a fazer: verificar o descompasso entre usos e teorias gramaticais.

A partir daí, deu-se continuidade à unidade de ensino, apresentando as chamadas pessoas do discurso, com ênfase aos seus papéis em meio às interações diversas. Esperávamos que algum deles perguntassem, tal qual o Armandinho pelo *você*, o que não chegou a acontecer, então, trouxemos essa importante personagem das tirinhas para estimulá-los a criar suas hipóteses. Projetamos para eles a tirinha abaixo:

Figura 01 – Tirinha do Armandinho para análise e reflexão



Fonte: Perfil “Armandinho” (Adaptada de Souza, 2024, p. 201)<sup>5</sup>

Após a projeção perguntou-se onde o pronome *você* se encaixava, o que gerou muitas reflexões. De modo geral, ficou claro que para os estudantes, à sua maneira, o pronome *você*, tal qual o *tu*, é utilizado de forma a considerar o seu interlocutor, mas ainda existe a necessidade de uma adequação do ensino da língua nessas questões.

Posteriormente, projetamos alguns posicionamentos de moradores de diferentes regiões do país, publicados num post de Facebook, pelo perfil *Língua Portuguesa*, a fim de demonstrar que a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito é mais comum do que eles imaginavam, conforme abaixo apresentado:

Figura 02 – Fragmentos de postagens em redes sociais acerca de reflexões diversas sobre a variação de segunda pessoa



Fonte: Perfil Língua Portuguesa no Facebook. (Adaptado de Souza, 2024, p. 202)<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Disponível no perfil “Armandinho” no link: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/posts/d41d-8cd9/4825106027534665/>. Acesso em: 12 mai. 2024.

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/linguaportuguesao7/posts/7299851933362048/>. Acesso em: 10 nov. 23.

As colocações apresentadas pelo perfil foram fundamentais para que houvesse uma discussão acerca do quanto natural se dão os usos de ambos os pronomes. Alguns alunos se mostraram surpresos, outros incrédulos. Ainda houve aqueles que ratificaram algumas das informações ali postadas, uma vez que vieram dessas localidades.

De forma unânime, os alunos colocaram que usavam o pronome *você*, pois, segundo eles, a forma *tu* não parecia a mais adequada, já que a escrita é formal. Eles foram estimulados a refletir sobre as conversas que mantêm com seus pares em aplicativos de mensagens instantâneas, ao que mais uma vez disseram utilizar apenas “*vc/você*” ainda que por meio daquele suporte. Desafiados a acessarem os aplicativos e pesquisarem pela forma *tu* em suas conversas, tiveram uma grande surpresa. Esse pronome está mais presente do que o esperado por eles próprios em suas interações nas redes sociais.

Chamou a atenção a forma pejorativa como alguns alunos trataram o pronome *tu*, um reflexo do desprestígio que a forma ganhou ao longo do tempo. Explicamos-lhes, a partir dessas reprimendas, sobre a natureza dos pronomes *tu* e *você* enquanto indicadores de segunda pessoa e que, por mais que um seja mais prestigiado, em algumas comunidades, o outro não traz consigo nenhuma forma de desvalorização.

Alguns alunos chamaram a atenção para o plural do *você* também não aparecer naquela “tabela” de pronomes, outros também observaram a correlação “nós - a gente”, isso possibilitou ampliar, neste momento, a discussão para as questões que envolvem a manutenção da segunda pessoa do plural “vós”, ainda que esteja em claro desuso.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar-lhes à sistematização de pronomes pessoais proposta por Castilho (2010), possibilitando que eles pudessem identificar uma maior proximidade entre preceitos e usos.

A partir dessa interação inicial, pudemos perceber que, de fato, segundo os preceitos sociais, as formas pronominais *tu* e *você* são colocadas como antagonistas nos processos interacionais. Isso se deve a percepções sem qualquer amparo pragmático-teórico e a meras concepções arraigadas em comportamentos linguísticos preconceituosos que não refletem a natureza das relações por elas representadas. São formas utilizadas como projeções pessoais, como se definissem, por si só, a imagem do indivíduo socialmente constituído.

Se o aluno de oitavo ou nono ano, para realizar trocas com seus pares, escolhem utilizar o pronome *tu* por representar, segundo eles, a macroesfera da informalidade linguística, para alguns de seus pais esse é um comportamento inconcebível, conforme relatos que foram aparecendo ao longo das discussões propiciadas pela unidade de ensino.

Para nós, nesse primeiro momento ficou claro o quanto é importante tematizar os pressupostos da Sociolinguística Variacionista no contexto das aulas de língua portuguesa. Esses pressupostos servem como ponto de partida para o combate a ideias pré-concebidas e disseminadas como verdades absolutas, à revelia de conhecimentos e discussões pertinentes e contrários a esse tipo de comportamento que denota, antes de tudo, uma postura preconceituosa, inadequada e in-

---

(Adaptado de Souza, 2024, p. 202).

fundada frente ao que a língua representa em seus usos diversos.

Posteriormente, objetivando demonstrar para os alunos que os usos dos pronomes variam também em outros gêneros a partir de outras linguagens que sintetizam as relações sociais, convidamos os alunos a analisarem letras de músicas que possuem os pronomes pessoais indicadores de segunda pessoa do singular, *tu* e *você*, no “Baladão da Segunda Pessoa do Singular”.

Os alunos receberam cópias com as letras das músicas que continham menção aos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular e em duplas ou trios fizeram análises de suas letras. Posteriormente, apresentavam aos demais colegas as possíveis variações ocorridas nas letras pelas quais ficaram responsáveis.

Para fechar a atividade, em roda, discutimos acerca das percepções dos alunos em torno das letras apresentadas. Perceptível ficou uma mudança de olhar para as variantes de segunda pessoa do singular para se referir ao seu interlocutor por parte dos alunos. A estranheza inicial em torno do pronome *tu* aos poucos se dissipava, pois eles compreendiam o movimento de variação em torno dele e da forma *você*.

Importante salientar que o trabalho desenvolvido em sala de aula também reverberou nos lares dos alunos, uma vez que eles mesmos diziam que interpelavam seus pais sobre o tema, ou seja, aos poucos eles desenvolviam a consciência linguística necessária para o combate a determinadas incompreensões e preconceitos acerca das formas pronominais em estudo.

Nas aulas seguintes, proporcionamos aos alunos um momento de análise dos seus próprios comportamentos linguísticos, foram-lhes apresentados trechos dos *podcasts* produzidos por eles. Os trechos foram retirados do “Podparar”, cuja temática era intolerância religiosa; “Teencast”, com o tema sobre dilemas adolescentes, “Biocast”, que discutiu sobre os problemas da Floresta Amazônica e o “Livecast”, que discutiu sobre a violência contra a mulher e o feminicídio no Brasil.

Nesta atividade, os alunos puderam analisar seus comportamentos linguísticos frente às diferentes possibilidades anteriormente apresentadas. Eles ouviram os trechos dos *podcasts* e se colocaram quanto ao uso de uma ou outra forma pronominal para se referir ao seu interlocutor.

Ao fim da atividade, os alunos apresentavam diferentes visões daquelas que inicialmente tinham a respeito da variação dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito. Eles perceberam que não há apenas uma forma para referenciar o seu interlocutor e, além disso, não há homogeneidade no tratar o outro em seu lugar de sujeito da interação.

A visão pejorativa e desprestigiada quanto ao pronome *tu* fora substituída por uma compreensão acerca dos contextos de uso, sem a discriminação observada anteriormente. Para eles, foi fundamental conhecer a sistematização dos pronomes proposta por Castilho (2010), o que desmisticificou, de certa maneira, a visão de certo e errado em torno de formas rotineiras de tratamento e identificação da segunda pessoa do singular.

Ademais, também se discutiu a validação das variedades linguísticas diversas como expressões de valor e identificação da diversidade linguística inerente à população brasileira que, dessa forma, deve ser valorizada, estudada e reconhecida em suas mais variadas formas de concretização.

Observou-se ainda, por meio das discussões e reflexões, a importância que esse tipo de tra-

balho com a língua ganha nos contextos de formação de sujeitos de aprendizagem, pois por meio da troca de ideias, da contraposição de visões e concepções de mundo. A unidade de ensino possibilitou, com base na educação sociolinguística, que se percebesse a importância dessa área do conhecimento para combater determinados olhares retrógrados e excludentes quando se trata de diversidade linguística, necessidade que ficou muito evidente devido à efetiva participação dos atores do processo frente às propostas de atividades e discussões diversas

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos, neste artigo, a variação de segunda pessoa do singular, *tu* e *você*, na posição de sujeito em produções orais e escritas de alunos de oitavos e nonos anos do ensino fundamental de uma escola pública municipal de Itajaí, SC. Considerando que o uso dessas formas vincula-se a fatores condicionantes linguísticos e extralingüísticos, recorreu-se aos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, (Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]); Labov, 2008 [1972]) como base para subsidiar as análises linguísticas empreendidas em torno dos comportamentos linguísticos percebidos.

Este trabalho envolveu três turmas (02 de nonos e 01 de oitavo ano) e contou com a efetiva participação de 77 alunos inseridos nos contextos de investigação do fenômeno de variação da segunda pessoa do singular. Todo esse processo consolidou um *corpus* de análise constituído por 3.558 ocorrências de *tu* e *você* na posição de sujeito. Dessas, 2.298 foram de *você* e 1.260 de *tu*, o que ratifica a hipótese inicial de que, de fato, há uma variação em torno da identificação da segunda pessoa do singular na posição de sujeito.

A análise realizada em torno dos registros de fala e escrita dos alunos participantes da pesquisa demonstrou que a variação de segunda pessoa do singular não ocorre de forma aleatória, mas motivada por algumas variáveis condicionantes como as controladas desta pesquisa: as linguísticas (preenchimento do sujeito, concordância verbal, traço semântico e gêneros discursivos) e as extralingüísticas (local de nascimento dos alunos, sexo e indivíduo).

Uma das mais significativas foi o lugar de nascimento dos informantes. A análise demonstrou que o local de origem do indivíduo influencia quanto ao tipo de pronome que ele utiliza para se referir ao seu interlocutor, seja pela vivência no referido lugar, seja pela mútua convivência entre pais e filhos, na qual se realizam trocas e interações carregadas de heranças linguísticas que identificam as origens de ambos.

Outra variável de destaque foi a que considerou os gêneros discursivos. Além da contraposição observada por meio da “escrita X fala”, observou-se que o contínuo de monitoramento discursivo é capaz de moldar os comportamentos do falante, pois quando inserido em contexto de maior monitoramento, esse se utiliza do pronome *você*, mesmo que lhe seja recorrente o *tu* como pronome de referência por meio de gêneros concernentes a contextos de espontaneidade e/ou menor monitoramento.

No que se refere à aplicação de uma unidade de ensino com foco em diferentes gêneros orais e escritos, verificamos que o trabalho de reflexão e discussão configurou-se em uma ferramenta efetiva no desenvolvimento de consciência linguística pelos alunos participantes de modo a fazê-los se perceber parte integrante fundamental nesse processo em que a língua também os caracteriza.

A pesquisa abre um espaço de reflexão a respeito dos sentidos que as formas *tu* e *você* agregam sistematicamente à compreensão de falantes e escritores como indivíduos, pois, possibilita um vasto campo de referenciação e possibilidades para leituras outras que asseveram os lugares de atuação de cada pessoa, a partir de como essas se colocam frente a seus interlocutores e como as tratam em suas interlocuções. Há um ponto de partida para outras reflexões que explorem os dados de modo a enriquecer essas primeiras impressões trazidas a partir das análises empreendidas.

Além disso, este estudo, por seu caráter quantitativo e qualitativo, encampa-se a agregar a estudos outros que buscam mapear a realidade linguística em torno da referenciação de segunda pessoa do singular ao longo desse extenso país. Sem dúvidas, oferece ainda, além do mapeamento circunscrito no seu contexto primário de aplicação, ferramentas para que professores de língua portuguesa, inseridos nas mais diversas etapas de ensino, considerem-no importante instrumento de reflexão a consubstanciar suas práticas em prol da garantia do acesso à língua materna em todas as suas variedades pelos seus discentes, sendo esse um direito que não lhes pode ser negado.

Portanto, em linhas gerais, é importante considerar que a pesquisa abre oportunidades de discussão e abordagens não apenas em torno da percepção acerca dos pronomes *tu* e *você* enquanto referenciadores da segunda pessoa do singular, mas agrupa ao quadro de estudos já existentes oportunidades para práticas escolares ainda mais significativas no que tange à aprendizagem da língua, seu reconhecimento e identificação sejam aplicados e experienciados para que essa “Última flor do Lácio” seja sempre renovada em meio aos seus usos e percursos.

## REFERÊNCIAS

ARMANDINHO. *Post de Armandinho*. 01 de nov. de 2021. Facebook: @armandinho. Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/posts/d41d8cd9/4825106027534665/>. Acesso em 21 dez. 2025.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegoumu na escola, e agora? sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1<sup>a</sup> ed., 7<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.

D'ÁVILA, Edson. *Pequena história de Itajaí*. 2. ed. Florianópolis: IHGSC, 2018.

FURLAN, Oswaldo Antônio. 250 anos de influencia açoriana no português do Brasil. *Ágora*, Flóriánpolis, v. 13, n. 27, p.17-26, 1998.

LÍNGUA PORTUGUESA. *Sobre o tratamento "tu" e "você" no português do Brasil.* 12 de dez. de 2021. Facebook: linguaportuguesa. Disponível em: <https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/posts/7299851933362048/>. Acesso em 21 dez. 25.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; DIAS, Edilene Patrícia; ANDRADE, Carolina Queiroz; MARTINS, Germano Ferreira. Variação dos pronomes tu e você. In: MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 133-172.

SOUZA, Cleber Novais de. A variação de segunda pessoa do singular nas produções orais e escritas de alunos dos anos finais do ensino fundamental da rede pública municipal de Itajaí – SC, 2024, 231f., (Dissertação de Mestrado em Letras), Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. Três eixos para o ensino de gramática. In: VIEIRA, S. R. (Org.) *Gramática, variação e ensino: diagnose e propostas pedagógicas*. Ed. rev. e amp. São Paulo: Blucher, 2018.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de M. Bagno. São Paulo: Parábola, [1968], 2006.

**Submissão em: 23/06/2025.**

**Aceite em: 14/12/2025.**